

## **A (re)construção discursiva da identidade travesti no Caso Sheila noticiado pelo portal de notícias g1 Paraíba<sup>1</sup>**

Danilo Mendes de QUEIROZ<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

Este trabalho analisa a abordagem discursiva que o portal de notícias g1 Paraíba adotou ao narrar a morte da travesti Sheila (2020). Trata-se de um recorte de pesquisa em desenvolvimento, pensando em como notícias sobre mortes de travestis produzem efeitos de sentidos que revelam estereótipos e práticas de violência, e que incidências existem na identidade desses sujeitos sociais. Como respaldo teórico, utilizamos Marcondes Filho; Charaudeau; Foucault; Butler e Castells. As discussões revelam, preliminarmente, que nos textos jornalísticos se presentificam discursividades que marginalizam, estigmatizam e invisibilizam travestis, mesmo após suas mortes.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade; travesti; jornalismo; gênero; discurso.

### **INTRODUÇÃO**

Para Marcondes Filho (1989), notícia é a informação como mercadoria, desde os seus aspectos estéticos, emocionais, entre outros. Dessa forma, segundo o autor, antes de chegar ao público, a informação passa por uma espécie de moldagem, definida por todo esse processo social e institucional. Além disso, a notícia também serve, nas palavras do estudioso da comunicação, como “um meio de manipulação de grupos de poder social e uma forma de poder político, que pertence ao jogo de forças da sociedade” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13). Sendo assim, “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2003, p. 97).

Por essa razão, nos inquieta a possibilidade que o jornalismo tem para (des)construir identidades cristalizadas na sociedade, a partir da (re)produção de discursos históricos, e como isso pode impactar as pessoas no que diz respeito ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Jornalista pela UFPB. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling) da UFPB. E-mail: [botelhdanilo@hotmail.com](mailto:botelhdanilo@hotmail.com)

tratamento e às ações voltadas para quem está em pauta (no caso desta pesquisa, as travestis).

O foco deste estudo é apenas o Caso Sheila (2020), no qual pretendemos analisar como o portal de notícias g1 Paraíba, através da notícia publicada sobre esse fato, produz discursivamente efeitos de sentido que dialogam com práticas históricas de silenciamento, apagamento e marginalização, seja pela presença ou não de imagens e fotos, das informações (ou a falta delas) presentes nos textos, da seleção de fontes (que fontes são essas), da busca por esclarecimentos e de outros desdobramentos. Além da falta de visibilidade, respeito e inserção social, profissional e midiática, ao qual estão submetidas as travestis, por outro lado, “na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento” (GREGOLIN, 2003, p. 6). Por essa razão, propomos esse diálogo entre o discurso jornalístico e a construção identitária desses sujeitos.

O que se deseja trazer à tona são “os aspectos históricos, sociais e ideológicos que determinam a produção do discurso, e também o lugar dos sujeitos na história, a situação enunciativa e os sentidos produzidos nesse conjunto” (FERNANDES, 2008, p. 67). Para isso, é necessário “descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos na sociedade” (PINTO, 1999, p. 7). Buscamos, portanto, descrever o discurso como produto, a fim de perceber como podem se tornar verdadeiros e serem (re)produzidos ao longo do tempo.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Como objeto de análise da Análise do Discurso, [o discurso] é “fragmento de história, um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma da época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. (FOUCAULT, 1995, p. 143-144). A materialidade linguística, nesse caso o texto, é o espaço de operação desses discursos. Por essa razão, inclusive, presenciamos no dia a dia “sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema” (FERNANDES, 2008, p. 12). Esse contraste de posições evidencia a posição-sujeito e os discursos históricos que atravessam esses sujeitos.

Quando falamos *travesti*, por exemplo, pensamos em diferentes concepções, geralmente dotadas de preconceitos que revelam posições sociais, dogmas religiosos, aspectos econômicos, entre outros. Sendo assim, muitas posições acerca de algum discurso caracterizam-se pelo caráter histórico e através da relação com outros discursos. É por essa razão que os sujeitos, ao formularem conceitos e sentidos com relação à sexualidade, podem falar a partir de lugares como a religião, a ciência e a filosofia, por exemplo. Tais lugares determinam, no interior discursivo, como os temas serão avaliados. Os discursos são, portanto, sempre heterogêneos, e a identidade, forma constitutiva desses discursos, também sofre reproduções ou rupturas.

Para Castells (1999), a identidade, vista como um espaço de múltiplos discursos, é considerada fonte de significados e história de um povo, mas não só isso, tudo que se é aprendido, ensinado, herdado e vivido por uma sociedade, em determinado tempo, pode formar identidade. De acordo com o sociólogo espanhol, “a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. (CASTELLS, 1999, p. 25). Essas concepções concordam diretamente com o campo disciplinar da Análise do Discurso. Nessa corrente teórica, “o sujeito é produzido no interior dos discursos e sua identidade é resultante das posições do sujeito nos discursos” (FERNANDES, 2008, p. 30).

Judith Butler (2019) ressalta a importância de se distinguir *gênero* e *sexo*. Segundo a filósofa pós-estruturalista, gênero significa algo culturalmente construído e não é definido pelo sexo, que é algo ligado às condições biológicas. Nesse sentido, “o homem e masculino podem, com igual facilidade, significar ter um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2019, p. 26). Dessa forma, antes mesmo de vir ao mundo, os estigmas e os corpos já são predeterminados discursivamente. Quando se diz “é uma menina”, não se descreve apenas o sexo, cria-se, sobretudo, um sujeito discursivo que, a partir de concepções históricas, atribui sentidos ao que é “ser menina”. Nessa condição de possibilidade, pais projetam brinquedos, cores, roupas e expectativas para a criança, a partir dessas relações. Em suma, o gênero integra a identidade dos sujeitos que são constituídos a partir dos discursos.

## **ONDE SE RECONSTRÓI A IDENTIDADE**

A notícia da morte de Sheila, publicada na manhã do dia seguinte em que o corpo dela foi encontrado na pousada, traz o seguinte enunciado:

Figura 1 - Notícia da morte de Sheila



Fonte: g1 Paraíba<sup>3</sup>

Considerando que, para a Análise do Discurso, o discurso é um conjunto de enunciados, o termo “travesti” para chamar a notícia no título, por um veículo de imprensa, destaca a necessidade do portal em reafirmar o sujeito-alvo da ação. Primeiro, há de se considerar que o repórter que escreveu a notícia exerce, nesse sentido, uma posição de “contador de história”, que narra “conforme os efeitos de sentido que pretende instaurar, desloca elementos “guardados”, através de mecanismos e instrumentos técnicos de que se apropria para fazer voltar o passado no instante midiático”. (ASSIS, 2015, p. 152). Já na materialidade linguística, uso da expressão linguística “em quarto de pousada” conduz o sujeito-leitor à cena do crime. Esse discurso ativa uma memória coletiva que provoca sentidos de práticas sexuais, erotização, prostituição, vulgaridade, promiscuidade. Segundo Gregolin (1997, p. 56), “a interpretação de temas ressignificados mostra que o discurso, a história e a memória constroem movimentos de sentidos”. Por isso, o resultado dessa relação de sentidos é o lugar conhecido historicamente.

Essas práticas discursivas que surgem a partir do local do crime incidem em outra realidade que engloba travestis e mulheres trans: a prostituição como única alternativa de vida. Pensando esse aspecto enquanto resultante histórico, recorreremos aos dados mais recentes da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), que aponta a inserção de pelo menos 90% das travestis do Brasil na prostituição. No entanto,

<sup>3</sup> Disponível em <[g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/19/travesti-e-morta-por-enforcamento-em-quarto-de-pousada-em-joao-pessoa.ghtml](http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/11/19/travesti-e-morta-por-enforcamento-em-quarto-de-pousada-em-joao-pessoa.ghtml)>. Acesso em 10 de outubro de 2021. Para mais informações sobre o caso, acessar o link anterior.

considerar apenas “profissionais do sexo” pelo ângulo da identidade de gênero é o mesmo que silenciar o caráter plural da identidade travesti – como se todas fossem passíveis dessa situação e condicionadas a isso, sem considerar as formas de resistência. Apesar disso, a desvalorização ocorre em função da condição de gênero de travestis que se expressa na postura de subalternidade, estabelecida através dos efeitos de sentido provocados pelas discursividades inseridas nas notícias.

Também percebemos um enunciado no subtítulo da notícia, que traz uma informação dada por uma fonte oficial: a Polícia Civil – que é base postular de todo o texto jornalístico aqui analisado. Essencialmente, o discurso policial consubstancia-se persuasivo porque tenta convencer, transformar e materializar os sentidos de acontecimentos policiais: crimes, em sua maioria. Esse discurso tem respaldo jurídico e, portanto, possibilita efeitos de verdade, de factualidade, de inquestionabilidade. A predominância do discurso policial que, na prática discursiva, incide para o olhar unilateral do acontecimento, baseado em evidências, sem sequer trazer apontamentos obtidos pela investigação. Mas isso não ocorre à toa, “os dizeres ressurgem mediante relações de poder, um poder que circula, que controla seu dizer cristalizado na imprensa” (ASSIS, 2015, p. 194-195).

Seguindo com as análises, a notícia tem uma imagem, feita em *print screen*, do telejornal Bom Dia Paraíba<sup>4</sup>, exibido sempre nas primeiras horas da manhã na programação local. No texto visual, está a imagem de Sheila, em foto no formato 3x4, na parte central da tela. Ao canto lateral esquerdo, na parte de baixo, está a repórter entrevistando o delegado que está à frente do caso.

Figura 2 - Notícia da morte de Sheila



Fonte: gl Paraíba

<sup>4</sup> Primeiro telejornal diário da TV Cabo Branco, da Rede Paraíba de Comunicação, afiliada Globo. São três na grade do canal jornalístico: Bom Dia Paraíba, JPB1 e JPB2.

A princípio, destaca-se aqui a importância, do jornalístico, a respeito do uso de imagens. “Com a fotografia, busca-se construir um maior efeito na notícia” (ASSIS, 2015, p. 166). Nesse sentido, cria-se um cenário discursivo que possibilita sentidos relacionados à composição da notícia enquanto produto jornalístico: a investigação, a procura pela informação, o ato de ouvir fontes oficiais, de identificar a “vítima”, de levantar a bandeira do jornalismo enquanto ativista social, de reafirmar o jornalismo como precursor da verdade absoluta. O objetivo nada mais é do que um “discurso de autopromoção, que busca estabelecer uma relação de proximidade com os sujeitos-leitores. Com esse discurso, o veículo se coloca como único no mercado e articula uma “encenação”, um jogo de representação” (ASSIS, 2015, p. 191).

Dialogando com essa perspectiva, também contracenam o poder de evocação (Charaudeau, 2015) do uso da imagem do documento de Sheila na matéria. Isso quer dizer que, ao entrar em contato com as imagens, são despertadas, a partir da memória, lembranças de experiências e formas de outras imagens. Isso acontece porque “interpretamos e sentimos as imagens, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história, individual ou coletiva. É por isso que, tratando-se da imagem, não se pode dizer: “uma morte é igual a uma outra morte”. (CHARAUDEAU, 2015, p. 255-256).

## CONCLUSÃO

Esse conjunto de instâncias de poder configuram, portanto, uma prática discursiva de exclusão, apagamento e hierarquização do sujeito travesti. Não há, portanto, preocupação com a identidade do sujeito, pelo contrário, evidencia-se a interferência na subjetividade, constituindo e re(produzindo) concepções históricas sobre esse sujeito. Somando-se a isso, ressaltamos o crivo dos editores, que agem conforme as estratégias de poder que norteiam o veículo. Estamos presos, nesse sentido, em um *newsmaking* enfadonho, numa espiral declaratória, mantendo a prática de um jornalismo reprodutivo, que não problematiza, não investiga, não fiscaliza e sequer denuncia. O jornalismo se tornou refém de sua própria inércia e sua relação com a audiência, pensando o mercado, se configura como o fator crucial para a construção dessa realidade.

A imprensa, nesse sentido, é responsável pela forma como se direciona aos sujeitos da informação. Sendo assim, a representação nada mais é do que o fruto desses

direcionamentos construídos historicamente – e reproduzidos. Conforme alteram-se as informações e desdobramentos (práticas discursivas), modificam-se também as relações entre sujeitos e suas identidades. Sheila, portanto, foi condenada, crucificada, apedrejada e teve, por um único momento, redenção – quando deixou de sofrer e partiu para a eternidade. Porém, antes de ser dada a sentença, ela morreu enforcada pelas mãos de quem disse amá-la. Aos olhos da imprensa, não havia, sequer, quem derramasse lágrimas por ela.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. **A objetividade jornalística**. RS: Sagra Luzzatto, 1996.
- ASSIS, E. G. **O dever da memória no discurso midiático**. São Carlos: Pedro & João Ed., 2015.
- BIROLI, F. É assim, que assim seja: mídia, estereótipos e exercício de poder. *In: IV Encontro da Compolítica*, 2011, RJ. UERJ, 2011, p. 1-25.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. RJ: Civilização Brasileira, 2019.
- CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. SP: Paz e Terra, 1999.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. SP: Contexto, 2015.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. RJ: Forense Universitária, 1995.
- GREGOLIN, M. R. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. SP, Ática, 1989.
- PINTO, José Milton. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. SP: Hacker Editores, 1999.